



MESA-REDONDA EM HOMENAGEM AOS 100 ANOS DE MAURO MOTA

09 de junho de 2011
Teatro R. Magalhães Jr.

COORDENAÇÃO GERAL
ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

PARTICIPANTES
Acadêmico Evanildo Bechara
Acadêmico Geraldo Holanda Cavalcanti
Sr. Marcus Accioly



MAURO MOTA

Sexto ocupante da Cadeira 26, eleito em 8 de janeiro de 1970, na sucessão de Gilberto Amado e recebido pelo Acadêmico Adonias Filho em 27 de agosto de 1970.

Mauro Mota (M. Ramos da M. e Albuquerque) nasceu em Recife, PE, a 16 de agosto de 1911 e faleceu na mesma cidade em 22 de novembro de 1984.

Apresentação*

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Como todos sabem, é praxe acadêmica reverenciar os mortos, para que, despertados pela e na memória, eles possam de alguma maneira reviver e, assim, alcançar alguma parcela da imortalidade a que esta Casa almeja. Nessas dinâmicas de eternização, em se tratando de um escritor, uma efeméride desempenha, obviamente, função muito menos importante do que a permanente releitura da obra; em todo caso, lembrar um vulto de nossas letras é, além de desejável, prazeroso.

Mauro Mota era pernambucano, em vida e obra. Nascido em Nazaré da Mata – como eu, aliás –, o escritor cedeu espaço a seu estado natal em cada uma de suas atuações de polígrafo: em verso e prosa, lá está Pernambuco, respirando em cada entrelinha. Não por acaso, convidei para homenageá-lo, nesta passagem de seus 100 anos de nascimento, três companheiros conterrâneos: aqui estão comigo os Acadêmicos Evânildo Bechara e Geraldo Holanda Cavalcanti e o Sr. Marcus Accioly, os quais, embora não abrigados sob um cajueiro nordestino – o que, aliás, seria muito mais do gosto do homenageado –, empenham-se em louvar Pernambuco e um de seus maiores poetas. Parafraseando Mauro Mota, posso dizer que este é um tributo a terra e gente.

* Palavras do Presidente na abertura da sessão em honra de Mauro Mota, em 9 de junho de 2011.

Mauro Mota

EVANILDO BECHARA

Mauro Mota tem uma obra muito diversificada. Dificilmente, encontraremos um escritor que se desdobre em poeta, prosador, ensaísta, geógrafo, professor, com uma obra tão multifacetada e tão séria. Tudo aquilo em que pôs sua mão acusa o brilho de sua inteligência, o sentimento da sua poesia e a reflexão de sua prosa. Apesar de essencialmente conhecido como poeta, foi ainda crítico literário, ensaísta, folclorista, sociólogo regional, administrador público. Em todas essas vertentes estão sua capacidade de trabalho, todo seu sentimento e toda sua cultura.

A poesia se apresenta nele como fator primordial de sua projeção no mundo das letras, mas a prosa também ganha relevo especial na consagração do seu nome, quer nacional, quer internacionalmente. Todavia, deve-se ressaltar que, como ensaísta, como professor, como folclorista, o aparato científico em que assenta boa parte de sua atividade não prejudica a harmonia e a sensibilidade do discurso, sempre claro, apropriado e elegante. Ele era realmente um artista da palavra, obcecado com toda a potencialidade que a língua lhe oferece. Tal habilidade nos é franqueada especialmente em seus poemas, em que explora o ritmo, a distribuição das rimas, as franjas semânticas em que as palavras se apresentam em seus contextos discursivos, valendo-se inclusive de recursos ortográficos para imprimir o selo da sensibilidade e da inteligência do artesão.

Sua obra reflete fidelidade à província e ao Nordeste, mais do que a Pernambuco, onde ele nasceu. Temas nordestinos, autores nordestinos – a sua admiração, por exemplo, por José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Jorge de Lima – conduzem o leitor às raízes culturais do Nordeste: o céu, as nuvens, o mar, o cajueiro, enfim, toda a alma nordestina.

Por isso, Marcos Vinícios Vilaça, no seu discurso de posse a esta Academia, a que ele veio substituir seu grande amigo e conterrâneo, disse com muita propriedade: “Mauro Mota é renovação, mas é também tradição. O seu regionalismo não é provinciano; a região se transfigura em nobre e digna dimensão simbólica”. Nesse mesmo discurso, recordando a figura de Gilberto Freyre, grande amigo de Mauro Mota, Vilaça ainda afirma que, nele, o lírico não deixa de lado os seus namoros com o épico, de modo a ser Mauro um autor que trabalha nessa senda admirável em que o lirismo se mistura com o sentimento épico.

A leitura de sua obra patenteia delicado artesanato de linguagem. Professor de Geografia e História, ele tinha uma particular atenção ao uso estético da língua. Acerca disto, é válido o juízo de Adonias filho, que o recebeu nesta Academia em 1970: “A imagística, assim rica de figuras e quadros, não prova apenas o vosso engenho imaginativo. Prova também que, na representação lírica, os valores extremos são tomados, não para a transfiguração, mas para a revelação em termos de sofrimento e angústia humanos”. Ao ler este seu soneto, entrevejo os traços referidos por Adonias:

O Cão

A Edson Nery da Fonseca

É um cão negro. É talvez o próprio Cão
assombrado e fazendo assombração.
Estraçalha o silêncio com seus uivos.
A espada ígnea do olhar na escuridão

separa a noite, abre um canal no escuro.
 Cão da Constelação do Grande Cão,
 tombado no quintal, espreita o pulo:
 duendes, fantasmas de ladrão no muro.

O latido ancestral liberta a fome
 de tempo, e o cão, presa do faro, come
 o medo e a treva. Agita-se, devora

sua ração de côr. Pois, louco e uivante,
 lambe os pontos cardeais, morde o levante
 e bebe o sangue matinal da aurora.

(*Os epitáfios* – José Olympio Editora, 1959)

Justifica-se, desse modo, que, na passagem dos seus primeiros 100 anos, Mauro Mota nos deixe um traço de saudade e a também certeza absoluta da importância de seus versos, de sua prosa, de sua ciência, magnitude que se irmana à do administrador do Instituto Joaquim Nabuco e do Arquivo Público. Assim, Mauro Mota é nome que tem seu passaporte validado para a eternidade e para imortalidade desta Casa.

Mauro Mota, poeta do instantâneo

GERALDO HOLANDA CAVALCANTI

Não se encontra texto escrito sobre Mauro Mota em que não esteja presente, quase como uma manchete, o homem, antes mesmo do poeta. São suas qualidades de caráter, de temperamento, maneira de relacionar-se com as pessoas, amigas ou não, o que é unanimemente destacado. Como criatura humana, diz Barbosa Lima Sobrinho, “acho que ele foi incomparável”; “festivo”, “florido”, “lisonjeiro” são palavras de Affonso Arinos de Mello Franco; “amigo”, “generoso”, “prestimoso”, os adjetivos que lhe aplica José Honório Rodrigues; “uma das figuras mais gentis que conheci”, anota Francisco de Assis Barbosa; “a feição externa dele era toda alegria”, comenta Antônio Houaiss; “pernambquinho querido”, evoca Raquel de Queiroz; “plural”, “versátil”, “rica”, “capaz de dar vida a outras vidas” é o testemunho de Eduardo Portella. De quantos poetas seria possível escutar tal panegírico? Pois os poetas têm fama, ao contrário, de preferirem ser tidos como tristes, solitários, sofredores, confundindo, muitas vezes, depressão (falsa ou real) com profundidade.

Mauro Mota não temia fugir ao estereótipo.

Embora seu conterrâneo e, em certa medida, seu contemporâneo, por alguns anos, no Recife (ele 18 anos mais velho do que o adolescente que

eu era), pouco sei de sua vida, mas acredito que pudesse gostar de futebol e torcer pelo Náutico ou o Sport. Nada sei a respeito. De tomar banho de mar na praia de Olinda, disso sei, por constar de seu currículo. De pregar peças por telefone aos amigos íntimos; de dar boas risadas no Bar Savoy, e disso temos conhecimento pelo que nos narra Marcos Vilaça, na introdução que escreveu para o livro sobre a passagem do poeta pela direção do Suplemento Literário do *Diário de Pernambuco*, essa preciosa fonte de iniciação literária para toda uma geração de recifenses, aos quais não faltaram o estímulo e o apoio dados pelo nosso poeta.

Ser poeta, para ele, não o separava de ser homem do “cotidiano”, no duplo sentido de viver o dia a dia do homem comum e ser homem do seu tempo. Ou seja, não precisava deslizar a três côvados de altura, ter visões de anjos terríveis, ou deixar corpo e vestes sem cuidado, “meios seguros de adquirir o título de poeta”, como já observava Horácio na *arte poética*. Vendo as fotografias de Mauro Mota, parece-me poder a ele aplicar o juízo de Jules Renard em uma página de seu *Journal*, onde afirma: “Pode-se ser poeta com cabelos curtos. Pode-se ser poeta e pagar o aluguel. Mesmo poeta, pode-se dormir com a própria mulher.”

O poeta, em Mauro Mota, se de alguma coisa se preza, é de ser humilde. Vejamos estes versos:

Que a voz do poeta nunca se levante
para ter ressonâncias nas alturas
(...)
Que o canto simples, natural, rebente,
água da fonte límpida, do fundo
da alma, de amor e de humildade cheio.

A referência padrão a Mauro Mota como poeta é dizê-lo autor das *Elegias*. Sem desmerecer do valor dos sonetos que as compõem, que justifica a unânime apreciação que deles flui para sua memória crítica, atrevo-me a deixá-las de lado nesta ocasião, e concentrar-me no que me parece ser o

aspecto dominante de sua poesia, seus poemas “pernambucanos”, como assim os definiu João Cabral de Melo Neto ao expressar sentimento semelhante, por ocasião da eleição de Mauro para esta Academia. Eduardo Portella, na sessão de saudade, quando do falecimento do poeta, ressaltou o aspecto singular da sua ensaística, dedicada permanentemente ao que o crítico salientou ser a micro-história, chamando-o de “hábil manipulador” dessa história submissa, história do pequeno, do pouco visível ou notado, que, no entanto, faz parte da grande história e a enriquece. Quem se lembraria de escrever sobre a sociologia dos rótulos dos maços de cigarro e daí retirar importante contribuição para a história industrial de toda uma região do Brasil? Ou de falar do cajueiro numa tese para candidatar-se a uma cátedra de Geografia, no Instituto de Educação de Pernambuco? E quem não encontrará substancial contribuição para a linguística nacional no ensaio intitulado “Os bichos na fala da gente”? Pois, para mim, o traço fundamental da poesia no poeta Mauro Mota é, coerentemente com a visão da realidade refletida na ensaística, precisamente a imersão total na microvisão poética que tem do mundo que o circunda. E esse mundo era Pernambuco, as memórias da infância em Nazaré da Mata, e, mais detidamente, o Recife, o bairro da Madalena, a casa na Madalena, cenas, pessoas, coisas do Recife, obsessivamente.

José Honório Rodrigues faz questão de insistir em que esse bairrismo pernambucano não excluía o sentimento de nacionalidade, por ele demonstrando no livro *Pernambucanidade, nordestinidade, brasileiridade*, que não é mais do que a plaquete que reúne os dois discursos pronunciados numa homenagem prestada ao poeta, no Recife, após sua eleição para esta Academia: o de Gilberto Freyre, de elogio ao novo acadêmico, e a resposta do homenageado. O título é enganoso, se atentamente lemos as palavras que do nosso poeta diz o mestre de Apipucos, e, daquele, a resposta. Em sua saudação diz Gilberto que seria um erro ver-se nessa “vitória” – assim a qualifica – “apenas um triunfo individual: foi também a vitória de um provinciano e esse provinciano um brasileiro do Nordeste e, especificamente, um nordestino de Pernambuco.” E ressalta: “Não se deixou [o poeta] descaracterizar na sua pernambucanidade

de carne e osso para ser consagrado numa brasileiridade apenas abstrata.” Continua: “O que mais desejamos ressaltar nesse seu novo e belo triunfo é o que ele contém de afirmação não só de nordestinidade como, particularmente, de pernambucanidade.” É na pernambucanidade que Mauro Mota, “poetíssimo poeta” – palavras ainda de Gilberto Freyre –, serve à nação brasileira, “sem descaracterizar-se ... brasileiro de sua região”.

Da mesma forma como o relevo dado à brasileiridade de Mauro Mota me parece desconforme com a sua visão poética – e aqui faço um parêntese e me pergunto o que se quer dizer, exatamente, com brasileiridade na poesia? “Todos cantam a sua terra”? “Minha terra tem palmeiras”? Pode-se falar de brasileiridade na poesia de João Cabral de Melo Neto? Na de Carlos Drummond de Andrade? – também é, no mínimo, ambíguo, falar de sua nordestinidade. Carregado nas tintas pelo sociólogo, mais parece uma inconsciente tentativa de incorporar e valorizar, num contexto geográfico particular, a poesia pernambucana do poeta de Nazaré da Mata, coerentemente com a sua [de Gilberto] pregação regionalista. Não quero aqui sequer aflorar a polêmica questão do regionalismo nordestino em suas múltiplas conotações geográficas, históricas, políticas ou culturais. E Gilberto é uma das figuras emblemáticas dessa polêmica. Quero apenas dizer que Mauro Mota não fala do Nordeste, não pensa no Nordeste, e, se pensasse, talvez não se reconhecesse como uma voz, ou porta-voz, poética do Nordeste. Viana Moog diz que não se recorda de tê-lo ouvido falar, jamais, em seus discursos e palestras, de outro estado brasileiro que não fosse Pernambuco. E Pernambuco não é o Nordeste. É uma das caras do Nordeste, mas não é o Nordeste. E eu diria até mais: Recife não é Pernambuco. Mauro Mota era e segue sendo poeta do Recife. Em sua biografia e em sua obra. E é o próprio Gilberto que o reconhece, em artigo publicado na mesma época do discurso, ao designá-lo “o mais recifense dos poetas recifenses. O mais intenso. O mais constante”. Compara-o com outros poetas pernambucanos que também trouxeram o Recife para seus poemas e menciona os nomes de Manuel Bandeira, Joaquim Cardozo, João Cabral, Olegário Mariano, Ademar Tavares,

Austro Costa e Ascenso Ferreira, os três primeiros nascidos na capital pernambucana, como o próprio Mauro, os demais em outras cidades do estado, mas igualmente identificados, como poetas, com o Recife, para afirmar que nenhum foi mais recifense do que Mauro.

Quando muito, penso, há em Mauro Mota, por sua infância em Nazaré da Mata, um poeta da zona da mata. Da zona da mata pernambucana. Mas a obra de nosso poeta não alcança sequer a zona do agreste, e muito menos a do sertão nordestino. Ora, pode-se falar de nordestinidade sem falar do que lhe é tão inextricavelmente peculiar, as imensas regiões onde mora a fome, onde vige a seca, onde terminam os canaviais, as fruteiras, a herança histórica e social dos senhores de engenho, e, aqui, na zona da mata, o litoral, concentrado na capital emblemática, com tudo o que desse âmbito subsiste de modo tão vívido na poesia de Mauro Mota? Na verdade, o que nela sobrevive das lembranças da zona da mata está concentrado nas que tem de sua infância em Nazaré da Mata e sua circunvizinhança, o que se conservou na memória do menino que aos 12 anos se transfere de volta para a cidade-berço no litoral. A propósito, não me furto de mencionar uma deliciosa história relacionada à memória que de Nazaré da Mata guardava o poeta. Perguntado sobre, no caso de não se haver tornado escritor, o que gostaria de ter sido, sua resposta imediata e espontânea foi: clarinetista da Banda Euterpe Juvenil de Nazaré da Mata.

A profunda identificação com o Recife não o faz menos poeta, menos humano, menos universalista. Já se disse que, quanto mais autêntico e concreto, mais universal é o poeta. E uso a palavra “concreto”, neste contexto, com aquela sabedoria de Ferreira Gullar, que, ao desligar-se do movimento concretista, teve a coragem de reconhecer que concreta é a coisa na sua materialidade reconhecível. E é desta que se compõe a poesia de Mauro Mota.

Ouvi chamá-lo de poeta menor. Mas com que régua se pode medir o poeta? Comparando-o com o sublime, o vate, o nefelibata? O profeta, o hierofante? Ou o quantioso? Ser uns ou outro não é garantia de qualidade. Mauro Mota era simplesmente poeta. “(P)oeta autêntico”, como reconheceu Otto Maria Carpeaux, que, ao assim a ele referir-se, em um de seus famosos rodapés de

crítica literária, fez questão de salientar “adjetivo de que não costumo abusar”. Poeta de um cotidiano que a outros podia aborrecer. Lembro Quevedo dizendo que “*todo cotidiano es muy feo*”; ou Laforgue se lamentando “*Ab! que la Vie est quotidienne*”. Mas foi do cotidiano que Mauro Mota extraiu a matéria do poema ao longo de sua produção. Donde, aliás, a predominância do substantivo no seu vocabulário poético.

Acompanhemo-lo, em voo de pássaro, do primeiro ao último dos poemas reunidos na coletânea que se destina a perpetuar o que escreveu de melhor.

De que trata o primeiro, que precede e encabeça as *Elegias*, que Eudes Barros acertadamente qualificou de “um parêntese de melancólica ternura, interrompendo a unidade psíquica própria de sua criação poética”? De “Os sapatos”. São dois pares de sapatos vazios, lado a lado, à beira da cama, onde se estende o corpo da mulher morta, os do homem, “bocas abertas e mudas de inlibertáveis soluços”, e, ao lado, as sandálias brancas da esposa, “mais brancas e imóveis hoje”. Quem se lembraria de tomar essa imagem como exórdio de dilacerantes epicédios? Mauro o fez e, contemplando esses simples objetos, começamos a comungar a dor do poeta, até com maior força e convivência emotiva, do que o faríamos se quisesse ele nos transmitir a perplexidade diante da morte com palavras abstratas.

O poeta voltará a falar de morte, poucas vezes, não mais em tom elegíaco. Fará duas ou três confissões existenciais, quase pedindo desculpas. Dirá da “angústia longa e cinzenta/ de não partir, nem ficar”, do viajante que “a si mesmo desconhece”. Em outro poema constatará que “(p)assou mais depressa que eu/ o tempo que Deus me deu.” São raros esses desabafos. Ouviremos queixar-se: “Quero deixar-me longe, separar-me/ de mim. Abandonar-me. Ser-me estranho,/ Parto, mas, onde chego, me reencontro./ Despeço-me de novo, e me acompanho.” Ou ainda: “Vou em busca do ter ido./ Desapareço no espaço./ Fico de novo perdido. / Procuo-me e não me acho.” Nada, porém, que o integre à coorte dos poetas desesperados.

Como todo poeta, não se furtará de escrever uma “Arte poética”, e nela dirá:

Elabora o poema como
a fruta elabora os gomos,
a fruta elabora o suco,
a fruta elabora a casca,
elabora a cor e sobre-
tudo elabora a semente.

E o que vemos aí, quase que apenas? Substantivos. Toda sua poesia é poesia de coisas e isso me faz lembrar o que ele deve ter aprendido na escola primária, como todos da sua geração, e ainda da minha: a redação a partir da visão que nos davam das litografias de um álbum gigante de estampas em tricromia, com cenas do cotidiano rural e urbano, destinado, precisamente, àquele exercício, álbuns que tinham o nome expressivo de *Lição de coisas*, título abundantemente usado e repetido, aqui e em Portugal, até hoje, acredito que, em muitos casos, sem que os autores tenham passado pela experiência pedagógica a que me refiro.

As “coisas” de Mauro Mota não são as da invenção baseada nas estampas, mas as que permanecem vigentes, na memória, de experiências reais, vividas pelo menino de Nazaré da Mata ou pelo adolescente e adulto do Recife.

Como falou dos sapatos, falará do paletó, cujas mangas “são moles túneis”, da escova de dentes face à boca aberta no espelho; da xícara de café, do palito, do bule de bico; dos bilros e das paisagens das rendas de bicos, e da rendeira, “com seu mundo entre as pernas”; do guarda-chuva, flor guardada que agora cresce “na mão pluvial”, e o poeta se descreve levando-o: “sustento o caule de uma grande rosa/ negra, que se abre sobre mim na chuva”; da bengala, outrora ramo de onde cantavam passarinhos, agora “(f)ino enxerto ambulatório, (que)/ tenta replantar-se em vão,/ e é arrancado novamente/ cada vez que toca o chão”; do espelho, outra vez, e o poeta se pergunta quem mora do outro lado, “no cristal e no estanho”; do candelabro, com a bela imagem de “antípoda arbustivo”, invertendo-se em repuxos; do lápis, “o sonho oblongo/ da mão”; do cacto, “insólito, agressivo”; e falará do “rumor das frutas, mudando o verde em maduro”. E assim sempre, a coisa

mais banal acompanhada do comentário poético que a transfigura. É Álvaro Lins quem observa na sua poesia “uma espécie de realismo mágico” [e esse comentário, observo de passagem, foi escrito antes que a expressão passasse a figurar na boca de todo mundo que havia lido os *Cien años de soledad*, de Gabriel García Marquez], “uma extraordinária capacidade de transfigurar o imediato e o cotidiano em simbologia poética”. Mas é o próprio Mauro que afirma: “todas as coisas verdadeiras moram no invento, mais que o corpo é a imagem, mais que o objeto o pensamento”.

Recife é o universo da sua memória, do seu sentimento, da sua visão poética. O Recife com as suas ruas, a Rua Real da Torre, onde “(u)m cheiro de moça noiva/ chega dos velhos jardins”; a Rua Amélia, com suas janelas de “madeira morta”, de cujos nervos artesanais “deslizam gotas de resina póstuma”. O Recife com os seus cais, o da Rua da Aurora por onde viu passar Suzana, de bicicleta, e, ao lado, o Capibaribe “sob os arames líquidos da chuva”; o do Apolo, com suas “conchas de mariscos, cacos de louça, mijadas no muro”, e as lembranças de Ascenso Ferreira. O Recife com as suas pontes: a Ponte Maurício de Nassau, “algema dos bairros”, e quem a conhece entenderá a sutil beleza dessa imagem. Seus bairros: o de São José, onde no pátio de São Pedro vê um voo de pássaros acariciando o espaço quieto; e o da Madalena, a Ponte da Madalena, o sobrado da Madalena: “(V)ai passando o rio atrás/ Na frente o jasmineiro e, no oitão, carregado,/ o pé de fruta-pão”.

Recife com seus fantasmas, o da moça enfeitada no bairro que ainda hoje se chama Encanta Moça, do diabo que aparece na Cruz do Patrão, nas cercanias dos arrecifes do porto, dos lobisomens na Volta do Mundo, – e aqui encontramos um desses descomedimentos que os não pernambucanos nos atribuem e não entendem, como quando a nossa modesta estação da Rádio Jornal do Comércio, dos anos 40 do século passado, se anunciava dizendo: “Pernambuco falando para o mundo”. E era verdade sua pioneira potência emissora no Brasil. A Volta do Mundo não era mais do que o circuito de ruas descompostas que separava, em seu tempo, o conglomerado urbano do começo da zona rural, especialmente no contorno do bairro da Várzea.

O poeta fala de pessoas, do amigo Everardo, que colava rabos de papel nas saias das moças; de Abelardo, que fabricava bois de barro em Tracunháém, figurando os que, de carne e osso, puxavam as carroças do Engenho Cavalcanti, bois com nomes como Asa Branca, Primor, Pensamento, Caçoleta ou Marujo. Ou de vivos animais: o galo que “inflama-se e fabrica/ a madrugada no quintal”; as andorinhas que ao bater dos sinos caíam em revoada pelo chão, com suas “asas de cal e música de penas”; o cão que à noite “estraçalha o silêncio com seus uivos”; o cavalo “que escoiceou a relva e a madressilva”.

E fala de fatos. Fatos que também são “coisas”, tão graficamente reais na sua recordação. Da procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos, com o bispo paramentado, os irmãos da opa, as Filhas de Maria, as mulheres pagando promessas, “de pé no chão”. Recordo duas que evocam situações por ele vividas já adulto e que foram por mim compartilhadas, mal entrado na adolescência.

No poema “Boletim sentimental da guerra no Recife”, se enternece ao lembrar as meninas, “tristes meninas”, diz o poeta, que passaram de “mão em mão” pelos fuzileiros navais aquartelados na base americana no Recife por ocasião da Segunda Guerra. Nos meus 13 anos eu as via desfilar de mãos dadas com algum marinheiro e mais sentia inveja dos americanos do que pena das moças do Uso, como eram então chamadas, porque eram vistas entrando ou saindo da sede do *United States Office*, cujo acrônimo se prestava ao infame trocadilho. Uma delas, adolescente e ruiva, era esmoler em Olinda. Dizem que se casou com o marinheiro e foi morar nos Estados Unidos.

Outro episódio por ele registrado, talvez de um pouco mais tarde, é o de uma grande cheia do Capibaribe que mobilizou as atenções de todos os recifenses. Fui ver passar a enxurrada sob a ponte da Madalena, talvez do mesmo lugar de onde as viu passar o poeta, e nela, céleres e verdes, as “baronesas” a que se refere, e, para quem não o saiba, eram elas as touças de vegetação arrancada dos barrancos que a corrente ia despejar na praia do Pina. Numa delas viajava tranqüila uma serpente.

Em alguns poemas da maturidade Mauro Mota quer trazer tão pura a memória de objetos que fizeram parte de seu cotidiano que chega a compor

poemas feitos exclusivamente de substantivos. São vários: “Caixa de costura”, “Menino doente”, “Trapizonga”, “Rua das Ninfas”, “Tempo de farmácia”, “Jardim”. Cito um:

Cadeiras e sofás, consolo e jarra,
 camas e bules, redes e bacias,
 a caixa de charuto, o guarda-louça,
 teteias, mesa, aparador, fruteira,

 a cesta de costura, o papagaio,
 a cafeteira, o cromo na parede,
 o jogo de gamão, as urupemas,
 o álbum, o espelho, o candeeiro belga,

 alguidares, baús de roupa, esteiras
 de pipiri, a tábua do engomado,
 pilão de milho, o tempo do relógio,

 quartinhas, almanaques, tamburetes,
 o santo da família, a lamparina,
 o carneiro Belém e o seu balido.

O poeta o intitula “Declaração dos bens de família”. É mais que isso: toda uma infância vivida na casa de Nazaré da Mata, que ele revisita no sótão da memória, onde estiveram guardados esses bens, intocados e cobertos de pó.

É um poema seco, onde a poesia contida só se refaz na sintonia que encontra em recordações similares do eventual leitor.

Mauro Mota pode, por outro lado, compor com pouquíssimas palavras um vilancico de profunda delicadeza e ternura, uma aquarela, uma micropeça para orquestra de Anton Webern, como no poema intitulado “Cajus”:

As mãos da moça
nos cajú
ordenha-os
sem feri-los,
ordenha-os
tão de leve
como se para o Deus menino retirasse
leite das ovelhinhas do Presepe.

E, com esta pequena joia, retribuo a atenção que me concederam e me despeço das senhoras e dos senhores.

Quinze minutos de Mauro Mota na ABL

MARCUS ACCIOLY

Resta-me lembrar o miniconto de George Loring Frost – citado por Julio Cortázar – que se encontra na *Antologia de la literatura fantástica*, de Jorge Luis Borges, Silvina Ocampo e Adolfo Bioy Casares, intitulado – “*Un creyente*”: “Ao cair da tarde, dois desconhecidos se encontram nos escuros corredores de uma galeria de quadros. Com um ligeiro calafrio, um deles diz: – Este lugar é sinistro. Você crê em fantasmas? – Eu não – respondeu o outro – E você? – Eu sim – diz o primeiro e desapareceu”. Eis, exatamente, o que eu deveria fazer aqui – desaparecer –, pois somente no Reino do Céu os últimos serão os primeiros, uma vez que, no reino da terra, os últimos são os últimos mesmo, principalmente depois das palavras de abertura do Presidente – que fizeram perto os longes azuis de Nazaré da Mata – das palavras de Evanildo Bechara – que, recentemente, tratando da norma culta, deram outras cores às páginas amarelas da revista *Veja* – e das palavras de Geraldo Holanda Cavalcanti – de onde o *Mandiocal de verdes mãos*. Não obstante, aqui estou, agradecido pelo convite e pela honra de participar, como pernambucano, desta mesa de pernambucanos, sobre um pernambucano.

Disse Michelet – “Difícilmente acredito na morte” – e Mauro Mota disse: “Precisamos morrer para provar a nossa imortalidade”. Logo, passando pela descrença na morte e pela prova da morte, em 16 de agosto de 1911, Mauro Mota faz 100 anos.

Nesta Academia Brasileira de Letras, Mauro Mota ocupou a Cadeira 26, deixada por Gilberto Amado, a qual, por sua vez, deixada por Mauro Mota, foi ocupada por Marcos Vinícios Vilaça. Como uma espécie de coincidência às avessas, Mauro Mota nasceu no Recife e foi para Nazaré da Mata, Marcos Vilaça nasceu em Nazaré da Mata e (depois de Limoeiro – Maria do Carmo) foi para o Recife. Por isso, no seu discurso de posse nesta ABL, disse Marcos Vilaça: “Chamo Nazaré da Mata e chamo, em seguida, Mauro Mota. Mata e Mota. Por que tal ordem? Porque, quando eu pronuncio Nazaré da Mata, sem dúvida que digo Mauro Mota e, de uma certa forma, eu também me digo”. Mauro foi recebido por Adonias Filho, que eu conheci – e se me permitem contar: em uma das Bienais Nestlé de Literatura (que foram idealizadas por Domício Proença Filho) nos encontramos à porta do hotel e saímos conversando. Já havíamos atravessado não sei quantas ruas, dobrado não sei quantas esquinas, quando resolvi perguntar: “Adonias, você está indo aonde?” Ele me olhou – com aquela cara de espanto – e respondeu: “Eu estou seguindo você”.

O termo criado por Gilberto Freyre – **rurbano** – talvez seja o que mais se aproxima da poesia de Mauro Mota, como definição: uma poesia **rurbana**. **Rurbana** porque, nem o seu rural é o do campo, nem o seu urbano é o da cidade grande – seu campo é o interior urbanizado: a comarca cercada pelo campo, pelos canais dos engenhos, pelas cercas de avelós. Foi a este mundo, extremamente pequeno, que ele fez ser extremamente grande e também se fez grande dentro dele. Sua circunscrição não é o espaço, é – “O tempo sem remédio na farmácia”. Sem remédio? Não. Mauro conhece o *Chernoviz*, conhece o peixe da “Emulsão de Scott”, o termômetro que sobe e desce à febre. Os seus olhos de criança pararam nas cores dos boiões, nos calomelanos. Os seus ouvidos de menino escutaram a “Valsinha da banda de música municipal – Euterpina Juvenil” – e, todo-olhos e todo-ouvidos, o poeta se

encheu de asas e trissos de andorinhas, que eram a torre e o sino da igreja do Bom Jesus de Nazaré da Mata:

Asas de cal e músicas de penas
caindo todas pelo chão da praça
como se a torre se despedaçasse.

Às vezes, Mauro, em Nazaré da Mata, se parece com Drummond, em Itabira, sua **cidadezinha qualquer** onde, diferente do campo e da cidade grande, a vida, toda ela – para Drummond – é **de-va-gar**:

Um homem vai devagar,
um cachorro vai devagar,
um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.
Êta vida besta, meu Deus.

Mas a vida besta é vagarosamente – ou **devagantemente** – grandiosa, para quem começa a **di-va-gar**. Brodsky, comentando o pequeno ensaio de Auden sobre Frost, estabelece a diferença: se um europeu “topa com uma árvore, se trata, sem dúvida, de uma árvore familiar” e se um americano “topa com uma árvore, se trata de um encontro entre iguais”. Logo, se o encontro for duplo, pode resultar em um terceiro – um encontro íntimo – para o poeta. Daí Mauro Mota topar com uma bengala que é uma árvore – ramo e folha e raiz e flor e fruto – e com uma árvore que é uma bengala, ou seja:

Fino enxerto ambulatório
tenta replantar-se em vão,
e é arrancada novamente
cada vez que toca ao chão.

Para Antônio Houaiss (que foi dos meus amigos nesta Casa) a bengala dá um apoio físico, psicológico e um certo charme. Para Mauro Mota a bengala é uma extensão física das pernas e dos braços, das mãos, dos dedos que se plantam nos bolsos de – “O paletó”:

As mãos nos bolsos, quando afundo
antecipa-se o gesto mais profundo,
plantam-se os dedos como dez raízes.

Também é a flor, que se abre em – “O guarda-chuva”:

... Na rua,
sustento o caule de uma grande rosa
negra, que se abre entre mim e a chuva.

E é a rosa que, em “O alfabeto”, a sua filha faz da letra Q:

Do Q faz a rosa
suspensa no talo.

Mauro é um poeta profundamente olfativo – gustativo e tátil – que fala dos cheiros e das doçuras. Tudo o que perde de visual e/ou de auditivo, tudo o que já não pode ver, nem mais ouvir, tudo que foi levado pelo tempo, pelo vento, pela morte, ele consegue tocar, pois sente o que não vinha nos ares, nem **dos** ares, mas, ao contrário:

Vinha dos banguês a doçura dos ares.

Diz Evaldo Coutinho, em *A subordinação ao nosso existir*, que “as coisas se permitem ver até o minuto em que se apaga a lâmpada que, sozinha, as iluminava”. Significa, pois, que, quando sairmos deste auditório – R. Magalhães Jr. – e todas as luzes forem apagadas, todos os objetos desaparecerão. Mauro

Mota é um poeta que ilumina as coisas com a sozinha lâmpada da palavra. Em *Situações I*, Jean-Paul Sartre fala de Francis Ponge: “O partido das coisas frequentemente parece uma oscilação inquieta entre o objeto e as palavras, como se não mais soubéssemos exatamente, ao fim e ao cabo, se é a palavra que é o objeto ou o objeto que é a palavra”. Daí, para chegar a Juan Ramón Jimenez, toda distância é a de um salto:

*Que mi palabra sea
la cosa misma,
creada por mi alma nuevamente.*

À semelhança de Ponge, Mauro Mota toma o partido das coisas – e não só **das coisas** inteiras, mas das partes das coisas, das coisas partidas, ou quebradas, dos detalhes, dos pedaços, dos cacos, dos fragmentos – dos acesos e das réstias de – “O candelabro”:

De águas ígneas inunda toda a sala
os elafianos galhos elastece
elástica, caindo sobre a queda,
a luz parece dar um novo salto.

Para Bachelard – via Madame de Châtelet: “O fogo é portanto o antagonista perpétuo da gravidade”. Para Mauro, o fogo já não é o fogo, mas uma água ígnea – água de fogo – o combustível líquido que inunda a sala, como uma fonte, ou seja, uma água que jorra para cima – uma luz que parece dar um salto – por isso também vence a gravidade.

Mauro Mota é o grande poeta das coisas pequenas, uma espécie de advogado – e ele era advogado – não das grandes causas jurídicas (como Evaristo de Moraes Filho e Alberto Venancio Filho), mas das pequenas causas poéticas, das causas menores, mínimas, minúsculas. Ele é o poeta de – “Pastoral”, “A flauta”, “Os sapatos”. Os dez sonetos perfeitos, escandidos à portuguesa, de *Elegias* marcam o início da sua carreira literária, um pouco tarde (como

esta tarde) para um poeta. Porém, se Mauro Mota não dedilhou, à Álvares de Azevedo, a lira dos 20 anos, ele, um poeta da Geração de 45, consagra, à semelhança de Frost, a lira dos 40 anos. Não direi que *Elegias*, de 1953, é o ponto alto da sua poesia, pois toda a sua poesia é um ponto alto da literatura brasileira; diria que *Elegias* é o ponto alto de sua própria dor e que a dor é o ponto alto de todo poeta, pois – à Hölderlin – “quem pisa a própria dor sobe mais alto”. *Elegias* é o seu Boi de Fálaris, o boi de bronze da tortura lenta, através do fogo, onde, à Sören Kierkegaard, “o grito apenas nos assustaria, mas a música, esta sim, é deliciosa”:

Vejo-te morta. Viva, a cabeleira,
teus cabelos voando! ah! teus cabelos!
Gestos de desespero e despedida,
para ficares de qualquer maneira
pelos fios castanhos presa à vida.

A imagem da cabeleira castanha vai-se repetir na cabeleira loura do “Madrigal I”:

Nesta manhã luminosa
uma porção de raios
de sol entra na sala.
(...)
Imagino uma coisa romântica:
que estás deitada no telhado
com os cabelos loiros
soltos na claraboia.

Falei no Boi de Fálaris e, assim como o gaúcho celebra o cavalo (Carlos Nejar), o pernambucano, chamado na Guerra do Paraguai de “O gaúcho a pé”, celebra o boi. Aliás, morremos de tristeza pelo boi:

O meu boi morreu,
 que será de mim?
 Mande buscar outro,
 ô maninha,
 lá no Piauí.

José de Alencar escreveu: “Homero engrandece os guerreiros troianos para alçar o valor dos gregos. Os nossos rapsodos, imitando, sem o saberem, ao criador da epopeia, exaltam o homem para glorificar o animal”. Mauro Mota também celebra o boi. Mas que boi? O boi posterior, que regressa ao anterior, ou volta do que é ao que já foi. Mauro Mota celebra “O boi de barro”:

Andando em muitos sapatos
 e jamais em suas patas,
 entre enormes chifres curvos
 sente-se (o boi) entre aspas.

O andar em muitos sapatos é um andamento duplo: andar, o couro do boi, no couro dos sapatos, e/ou ser transportado – “O boi de barro” – pelos sapatos do homem. E Mauro acende e apaga – luz e sombra – faz aparecer e desaparecer, mesmo no celebrado boi, as duras marcas da maldade humana:

Estava desfeito ou feito?
 No ato da exumação
 apareceram sangrantes
 as feridas do aguilhão,

da corda e do pau da canga,
 da asfixia do cambão,
 do ferro em brasa nas ancas,
 da chaga da castração.

E vem o final malfeliz:

Toca o chocalho. O mugido
do boi de barro enche a sala.
(Cresce a grama no tapete.)
Pego no boi, ele racha.

Eis a fragilidade das patas do animal, diante das mãos do homem. O boi, dentro de um mesmo ciclo, volta do boi de carne ao boi de capim, ao boi de estrume e ao boi de barro, criado pelas mãos do homem, mas que, ao ser tocado pelas mesmas mãos, “O boi de barro” simplesmente racha. A transformação da coisa em coisa – de uma coisa em outra coisa – parece precisar (carecer – seria o termo) da concordância da própria coisa em si. Por exemplo: canoa (que significa embarcação de um só pau) foi a primeira palavra que chegou da América na Europa. No livro *Omeros*, Derek Walkott (amigo de Nélide Piñon) canta e conta que, cortados os cedros e feitas as canoas, elas são lançadas ao mar:

...e suas proas cabeceantes
concordaram com as ondas em esquecer as suas vidas como árvores.

Além de Ponge e de Frost, Mauro Mota pode ser comparado a muitos outros grandes poetas. Em “A uma mendiga ruiva” diz Baudelaire (traduzido por Ivan Junqueira):

Segue, pois, nua de tudo
– Pérola, incenso, veludo –,
Só do teu corpo vestida,
Minha querida.

Em – “Paisagem pelo telefone” – diz João Cabral de Melo Neto:

E até mais, quando falavas
no telefone, eu diria
que estavas de todo nua,
só do teu banho vestida.

Em – “Cantiga de banheiro” – Mauro Mota diz:

Quando a branca toalha asséptica
abriu-se na fúria ambiente,
a água já roubara a moça
camuflada pela espuma,
que ia embora pela rua
nadando pela sarjeta
a imagem da moça nua.

Eis a feminina água vestindo a nudez feminina: em Baudelaire, a mendiga ruiva está vestida só do seu corpo, ou da água do seu corpo (logo, é a que está mais nua). Em Cabral, a mulher está vestida só do seu banho. Em Mauro Mota, não é o corpo da moça que está vestido de espuma, mas a espuma que segue vestida de seu corpo. Afirma Paul Valéry: “Quando as pessoas não sabem nada, tiram a roupa”. Contudo, nos três casos, as três mulheres se vestem de uma imagem nua.

Para finalizar, pego um último animal de Mauro, uma potranca eroticamente feminina, tanto para os meninos de cidade de interior, quanto para os meninos de “engenho e arte” (como ele próprio, à Camões, dizia). O seu bicho final é “A potranca”:

Era uma vez uma potranca branca
e alazã, flor quadrúpede e equina.
Era uma vez uma potranca pampa.
Fazia voar nos cascos a campina.

De mulher tinha o cheiro das axilas
 e a cor da vulva no vigor das ancas.
 A energia brotava das narinas,
 do suor do pelo da potranca pampa.

Era uma vez a filha do Centauro,
 quase aérea, suspensa pelas crinas,
 a nostalgia do primeiro páreo.

Dor de vê-la cair na pista intacta,
 morta e atenta à partida sobre os quatro
 galopes paralíticos nas patas.

Os – “galopes paralíticos **nas** patas” – e não **das** patas – podem lembrar Augusto dos Anjos: “O molambo da língua paralítica”. Os versos têm certo parentesco, que não parecem ser só o vocábulo – “paralítico” ou “paralítica” – tampouco a 6.^a acentuação tônica no **í** – “paralítica” / “língua”. Há uma voz, um som, um eco do decassílabo no decassílabo, do poeta no poeta.

Vizinho de terra e de cidade – Aliança/Nazaré-da-Mata – embora matuto (do mato ou da mata) de engenho – Laureano – fui amigo – diria – íntimo, de Mauro Mota, igual a muitos daqui, como Eduardo Portella (certa vez, a convite de Marly Mota, almoçamos juntos em sua casa). Entre os poemas que escrevi, publiquei e dediquei ao seu nome (e até à sua filha pequena, Tereza, que está grande aqui) trago de um livro, ainda inédito, que escrevi sobre cavalos – *Hipocanto* – a última e possível homenagem, se não a Mauro, à sua *Potranca*:

“Era uma vez uma potranca branca / e alazã, flor quadrúpede e equina.
 / Era uma vez uma potranca pampa. / Fazia voar nos cascos a campina”. /
 Começa Mauro Mota o seu soneto / usando o – “Era uma vez” (de toda hestória) / se não termina com – “foram felizes / para sempre” (também de toda hestória) / é porque a potranca, sem potranco / (um não caso de amor entre cavalos) / ao cair sobre a pista, morre intacta. / Potranca é égua

nova, não domada, / de menos de dois anos, égua virgem. / A potranca de Mauro, aliterada, / com rimas e assonâncias quase raras, / a filha de uma égua – qual se diz – / não era um animal, era um desejo. / Brancalazã (por ele junto os termos) / – “Flor quadrúpede e equina” – Mauro diz / e diz mais e diz tudo quando diz: / “Fazia voar nos cascos a campina”. / Recordo o adolescente lendo Mauro / e vendo, não correr mais a potranca, / mas voar a campina, qual se fosse / puxada pelos cascos – lençol verde – / puxada pelas patas – qual tapete / voador – e o que eu via eu vejo ainda / (como não ver – se vejo dentro e fora – / a potranca parada sobre a esteira- / rolante da campina?) “Era uma vez” / – branca, pampa, alazã – “foram felizes” / em Nazaré da Mata (Norte ou Seca) / Mauro sobre a potranca, sobre a égua, / que “filha do Centauro, quase aérea, / da mulher tinha o cheiro das axilas / e a cor da vulva no vigor das ancas”. / Dor de não vê-lo mais vendo a potranca / no oceano do mar-canavial, / besta do apocalipse, banguina, / munã, guincha, pichorra – uma piguancha. / Como a ave chamada vira-folhas, / viro as folhas do tempo – calendário – / e eis que as campinas passam relinchantes!

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



**PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA PATRONOS

01	Adelino Fontoura
02	Álvares de Azevedo
03	Artur de Oliveira
04	Basílio da Gama
05	Bernardo Guimarães
06	Casimiro de Abreu
07	Castro Alves
08	Cláudio Manuel da Costa
09	Domingos Gonçalves de Magalhães
10	Evaristo da Veiga
11	Fagundes Varela
12	França Júnior
13	Francisco Otaviano
14	Franklin Távora
15	Gonçalves Dias
16	Gregório de Matos
17	Hípólito da Costa
18	João Francisco Lisboa
19	Joaquim Caetano
20	Joaquim Manuel de Macedo
21	Joaquim Serra
22	José Bonifácio, o Moço
23	José de Alencar
24	Júlio Ribeiro
25	Junqueira Freire
26	Laurindo Rabelo
27	Maciel Monteiro
28	Manuel Antônio de Almeida
29	Martins Pena
30	Pardal Mallet
31	Pedro Luís
32	Aratújo Porto-Alegre
33	Raul Pompéia
34	Sousa Caldas
35	Tavares Bastos
36	Teófilo Dias
37	Tomás Antônio Gonzaga
38	Tobias Barreto
39	F.A. de Varnhagen
40	Visconde do Rio Branco

FUNDADORES

Luís Murat
Coelho Neto
Filinto de Almeida
Aluísio Azevedo
Raimundo Correia
Teixeira de Melo
Valentim Magalhães
Alberto de Oliveira
Magalhães de Azeredo
Rui Barbosa
Lúcio de Mendonça
Urbano Duarte
Visconde de Taunay
Clóvis Beviláqua
Olavo Bilac
Araripe Júnior
Sílvio Romero
José Veríssimo
Alcindo Guanabara
Salvador de Mendonça
José do Patrocínio
Medeiros e Albuquerque
Machado de Assis
Garcia Redondo
Barão de Loreto
Guimarães Passos
Joaquim Nabuco
Inglês de Sousa
Artur Azevedo
Pedro Rabelo
Luís Guimarães Júnior
Carlos de Laet
Domício da Gama
J.M. Pereira da Silva
Rodrigo Octavio
Afonso Celso
Silva Ramos
Graça Aranha
Oliveira Lima
Eduardo Prado

MEMBROS EFETIVOS

Ana Maria Machado
Tarcísio Padilha
Carlos Heitor Cony
Carlos Nejar
José Murilo de Carvalho
Cícero Sandroni
Nelson Pereira dos Santos
Cleonice Serôa da Motta Berardinelli
Alberto da Costa e Silva
Lêdo Ivo
Helio Jaguaribe
Alfredo Bosi
Sergio Paulo Rouanet
Celso Lafer
Marco Lucchesi
Lygia Fagundes Telles
Affonso Arinos de Mello Franco
Arnaldo Niskier
Antonio Carlos Secchin
Murilo Melo Filho
Paulo Coelho
Ivo Pitanguy
Luiz Paulo Horta
Sábato Magaldi
Alberto Venancio Filho
Marcos Vinícios Vilaça
Eduardo Portella
Domício Proença Filho
Geraldo Holanda Cavalcanti
Nélida Piñon
Merval Pereira
Ariano Suassuna
Evanildo Bechara
João Ubaldo Ribeiro
Candido Mendes de Almeida
João de Scantimburgo
Ivan Junqueira
José Sarney
Marco Maciel
Evaristo de Moraes Filho

COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10,5/16 PT



